



**Tânia Alexandre Martinelli**

# ☉ Vaso Chinês

Ilustrações de **Mariana Zanetti**

**Suplemento do Professor**  
Elaborado por Elaine Andreoti



**Editora do Brasil**

Copyright © Editora do Brasil. Todos os direitos reservados. É proibido venda e alteração parcial ou total deste material.

A adolescência é uma fase em que o corpo e a vida mudam. No caso da personagem principal de *O vaso chinês*, Ana Maria, esse período vem acompanhado da perda trágica do pai, que tem de ser enfrentada pela garota junto com os medos e as inseguranças, a descoberta do amor e uma imaginação muito fértil, que tanto pode ser um modo de extravasar os anseios quanto um meio de fugir da vida real.

A autora utiliza a mudança de narradores e a sobreposição de histórias para criar pouco a pouco – com fatos do passado e do presente, e ainda com as histórias “desandadas” de Ana Maria – uma linha narrativa muito rica, que consegue dar a dimensão do processo de aceitação e amadurecimento da personagem.

## Propostas de atividades

### 1. Foco narrativo

É interessante aproveitar a variedade de focos narrativos da obra para explicar aos alunos os diferentes tipos existentes.

– **Narrador personagem:** é aquele que, ao mesmo tempo em que narra, participa da história. É o caso dos primeiros capítulos, em que o narrador é Serginho (apesar de a história da menina estranha e da casa que desaparece ser criada por Ana Maria, como ficaremos sabendo em outros capítulos, o narrador é Serginho).

“Ficamos nos olhando com caras de tacho. Achamos que Ana Maria e a mãe deveriam ter saído porque senão já teriam vindo reclamar, é lógico. Mas como, eu pensei naquele instante, se a gente estava ali na frente o tempo inteiro e não viu ninguém passar? A menos que tenham saído pelos fundos ou ainda pelo porão (teria um porão, com passagem secreta e tudo?).

O jeito foi tirar par ou ímpar e ver quem de nós três buscaria a bola. Três porque, nesse ponto, o amigo perna de pau já tinha desaparecido.

A sorte (sorte?) estava comigo.” (pág. 13)





–**Narrador observador**: conta apenas o que pode ser visto, sem penetrar no que os personagens pensam e sentem. Apesar de não ser o caso, em alguns momentos de *O vaso chinês* podemos encontrar exemplos desse tipo de narração descritiva.

“Ana Maria endireitou a coluna, esticou os dois braços para cima e enlaçou os dedos das mãos. Ainda nessa posição, inclinou lentamente o corpo para a direita e em seguida para a esquerda, alongando-se. Voltou o tronco ao eixo, abaixou os braços.” (pág. 30)

–**Narrador onisciente/intruso**: é aquele que sabe tudo que passa na cabeça dos personagens: seus medos, pensamentos, vontades etc. É o tipo de narrador que predomina na história.

“Ela dobrou o corpo imediatamente, já prevenido o que não queria ver, já sofrendo tudo de novo, escutou inclusive o barulho dos pedaços, só não sabia quantos pedaços, se fossem poucos até daria para colar, pediria à mãe que comprasse no supermercado uma dessas colas superpotentes que colava até o pensamento! Mas, e se fossem muitos? Milhares de pedacinhos como daquela vez? O pai lhe dissera que não dava para colar, pois muitas partes tinham inclusive virado pó. Ficaria buraco. Horrível um vaso com buraco, com furo. Não. Não dava mesmo. Por isso foi para a lata do lixo.

Ana Maria botou os olhos no chão, o coração precisando voltar ao peito, ela não sabendo se isso seria possível ou não.” (pág. 48-49)

Após explicar os três tipos de narrador, solicite aos alunos que se organizem em grupos e encontrem, nos diversos “pedaços” de histórias do livro, três exemplos para cada narrador.

Essa atividade é complementada pelos exercícios 1 e 7 do Suplemento de Atividades.

## 2. Mapeando as histórias

Proponha aos alunos uma atividade em grupos de três a quatro componentes em que eles deverão descobrir quais são as histórias paralelas que perpassam o eixo narrativo principal – isto é, a história da garota, no



presente da enunciação, que se muda com a mãe para uma nova casa, tentando reconstruir a vida após a trágica perda do pai.

Pode-se dividir uma narrativa secundária para cada grupo, que deverá reler os capítulos referentes a ela, “costurá-la” e dar-lhe um título, a fim de que se torne uma história autônoma (mesmo que não tenha um fim).

As histórias podem ser identificadas como:

- a da bruxa e sua filha esquisita (criada pela própria Ana Maria);
- a da menina prisioneira (criada por Ana Maria);
- a de Juliana e seu pai corajoso (provavelmente a memória de uma colega de escola);
- o monólogo com o papel (conversa entre Ana Maria e o papel);
- a história do pai no parque de diversões (memórias de Ana Maria);
- o vaso chinês (memórias);
- Ana Maria penteando o cabelo (memórias);
- a história do namoro do tio com a mãe (criada por Ana Maria em razão do ciúme que sentia do tio).

Depois dessa atividade, chame a atenção dos alunos para o fato de que, ao longo do livro e da organização das histórias, é possível perceber que as fantasias de Ana Maria vão dando lugar aos acontecimentos reais (considerando o real da narrativa principal), como a organização da casa nova, o reaparecimento do tio e a relação com Serginho, culminando com a volta de sua inspiração para escrever.

É interessante, ainda, que os alunos consigam notar que a interferência de uma história em outra representa o fluxo do pensamento, o modo como o ser humano processa tudo que ocorre à sua volta e em sua mente, algo que não acontece de modo linear, senão na ficção. Desse modo, ao “pôr em ordem” seus anseios e medos, a personagem vai pouco a pouco retomando o fio de sua própria história.

### 3. *Sinestesia (figura de linguagem)*

[...] “Ana Maria sentiu a cor azul. Mas quem é que sente uma cor?, questionou-se. Sei lá, às vezes, cor tem cheiro. Compara-se com alguma outra coisa...” (pág. 46)



Com base nesse fragmento, pode-se trabalhar a ideia de sinestesia, que ocorre quando uma sensação faz lembrar outra, “misturando” percepções de diferentes órgãos do sentido, por exemplo, perfume doce (olfato + paladar); voz áspera (audição + tato); melodia amarga (audição + paladar), entre outras.



Pelo fato de apresentar combinações sensoriais tão ricas, a sinestesia é muito empregada como figura de estilo na prosa e, sobretudo, na poesia.

Após apresentar o conceito, proponha uma atividade sensorial em que os alunos, de olhos vendados, tentarão descobrir objetos e cheiros (cuidado com aqueles que têm alergia). Anotem as respostas de cada um e depois comparem-nas considerando os casos em que a associação possa ter sido condicionada por uma memória involuntária.

No *site* <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-e-sinestesia>> há uma matéria interessante sobre o assunto, que traz inclusive alguns exemplos de pessoas famosas por suas sinestesias.

#### *4. Pais e filhos*

O trabalho com o livro pode ser interessante para os alunos perceberem também o ponto de vista da mãe de Ana Maria. Para tanto, é interessante usar o trecho a seguir para propor uma discussão sobre a reação de Fátima à morte de seu marido ao tentar passar segurança e equilíbrio a sua filha adolescente.

**“Fátima abraçou-a. Ana Maria aproveitou para se aninhar naquele colo que era tão bom. Macio e quente. Acolhedor era o nome. Não sabia por que achara um dia que não tinha mais idade para isso. Engano seu. Colo era bom em qualquer idade.**

**Ficou aninhada com o livro no peito, tal qual fazia com o seu caderno, e aproveitou para abraçá-lo apertado mais e mais. Quem sabe conseguisse entrar lá dentro, viver com o personagem, ou viver o personagem, alguém que era tão, mas tão forte e por isso mesmo tão diferente dela. Ela não era forte. Nem corajosa. Tinha medo. Tinha medo, repetiu o pensamento como se fizesse questão de se convencer disso. Mas e daí? Qual o problema? Por que não poderia ter medo, grande coisa!**



Ainda no colo, o olhar perdido lá em cima, Ana Maria confidenciou:

– Tenho medo de um monte de coisas, mãe.

E ouviu aquilo que nunca imaginaria ouvir:

– Eu também.” (pág. 75)

Esta é a primeira vez que o leitor tem contato com a subjetividade de Fátima, num momento em que ela deixa de lado o papel de mãe para assumir o papel de mulher que perdeu o homem que amava. É aí também que Ana Maria percebe que, ao contrário do que pensava, a mãe sofria do mesmo modo que ela.

Nesta atividade, o objetivo é pôr em discussão o fato de que os pais, assim como todos os adultos, também passam por momentos difíceis, ainda que procurem ocultar isso de seus filhos. Pode ser tocada, aqui, a música *Pais e filhos*, da banda Legião Urbana, para que os alunos reflitam sobre o assunto e relembrem momentos de uma cena similar a essa.

Para que a atividade não fique muito pessoal, envolvendo dramas familiares, proponha a eles que se organizem em duplas e representem uma pequena cena na própria sala de aula, em que um fará o papel de pai ou mãe e o outro, de filho(a). Pode ser até uma cena cômica, mas que procure transmitir a mesma ideia de confiança e desabafo.

## 5. *Ateliê de máscaras*

Junto com o professor de Arte, proponha aos alunos uma pesquisa sobre a origem e o uso das máscaras ao longo dos tempos nas sociedades e sobre sua importância para o teatro e até mesmo para a Psicologia. É interessante que eles percebam que, mais que um mero adorno, o ato de cobrir o rosto com uma máscara pressupõe a incorporação de um personagem – daí sua importância, por exemplo, no teatro grego, em que os atores a utilizavam para que todo o público pudesse assimilar o caráter do personagem representado.





## Respostas do Suplemento de Atividades

1. Narrador onisciente. A história é narrada em 3ª pessoa, e o narrador conhece sua personagem profundamente, revelando até seus pensamentos. Contudo, nos quatro primeiros capítulos, a história é narrada por Serginho, seu vizinho. Nesse momento, o narrador é também personagem, pois participa da ação. Podemos afirmar que é Serginho quem narra a passagem em que Ana Maria conversa com sua amiga:  
“– Você fica inventando, imaginando, por que não pergunta de uma vez o que quer saber e acaba logo com essa agonia?  
– O Serginho também falou isso.  
– Hum... O tal vizinho novo.  
– É.  
– Que você pensou que tinha te achado um horror, perduda e compridona...  
– É.  
– Até escreveu aquele monte de coisas, fez dele seu personagem... Ah! O narrador personagem. Graças a você eu ando melhorando em Português, sabia? Que bom.”
2. O vaso simboliza o pai falecido, já que foi ele quem deu o vaso para Ana Maria. Quando ela encontra na feira uma réplica do primeiro, que quebrou, automaticamente se lembra do dia passado com o pai no parque.
3.
  - a) Os alunos devem expor livremente sua interpretação do medo. É importante que eles percebam até que ponto o medo impõe cautela e, assim, gera segurança ou paralisa, impedindo a pessoa de transpor obstáculos e seguir adiante.
  - b) Resposta pessoal. Estimule os alunos a contar suas experiências relacionadas ao medo, desde que se sintam à vontade para apresentá-las aos demais colegas. Desse modo, eles poderão reconhecer situações semelhantes e compartilhar soluções e modos de enfrentar os problemas, além de superar dificuldades.
4. Essa atividade pode ser escrita ou realizada por meio de depoimento oral – o que provavelmente será mais estimulante pela troca de experiências. Os alunos devem se lembrar de coisas pelas quais têm apego por elas estarem associadas a alguém ou a alguma lembrança boa, como um urso de pelúcia ou um perfume que traz à memória uma pessoa querida. Pode ser trabalhada aqui a ideia de sinestesia, proposta na terceira atividade, já que algumas lembranças podem vir à tona por causa de elementos que aparentemente não estão relacionados.
5.
  - a) O diálogo não aconteceu, ele foi imaginado por Ana Maria. Em razão das muitas histórias que se encontram, é importante verificar se os alunos conseguiram compreender que alguns ocorrem no plano da imaginação da personagem.
  - b) Porque Serginho era bonito e, sendo assim, provavelmente deveria ter muita gente interessada na amizade dele.
  - c) O primeiro interlocutor de Ana Maria, num diálogo possivelmente também imaginário, é a colega Juliana. Pelas qualidades atribuídas à garota – sintetizadas no adjetivo “perfeita” –, Juliana parece simbolizar o ideal de beleza e atitude de Ana Maria.
6.
  - a) São cinco:
    - máscara de “menina triste”;
    - máscara de espanto;
    - máscara de “bilheteira de trem”;
    - máscara da indiferença (“de quem não está nem aí com a coisa”);
    - máscara de vítima.
  - b) Quando a personagem veste as máscaras, expressa o sentimento em relação ao que está ocorrendo no momento. Ela também vê máscaras nas pessoas ao seu redor (“Que você olha pra essa gente, olha à sua volta, vê todo mundo usando a mesma máscara de pavor sem sentir absolutamente nada”). As “máscaras” que utilizamos podem tanto expressar o verdadeiro sentimento quanto o “papel” que estamos desempenhando em determinado momento; ou, ainda, ser um disfarce para proteger ou esconder os sentimentos reais.
7.
  - a) Sugestão de resposta: “Abriu uma porta. Era um quarto. Janela cinza, de madeira. Fechada. Pôs o dedo no interruptor para acender a luz. Escuro ainda. Então olhou para cima e viu que não tinha lâmpada. Seguiu em frente. Outra porta. Outro quarto. A primeira coisa que fez foi olhar para cima. Também estava sem lâmpada. Abriu a terceira porta. Era um banheiro e até que estava bem claro, nem pensaria em acender a luz porque o vitró, pequeno, mas bem posicionado, conseguia trazer a claridade lá de fora. Entrou. Vaso sanitário, box, pia. Um espelho em cima da pia. Tiraram as lâmpadas, mas deixaram um espelho? Deixaram. Era velho, as bordas todas manchadas.”
  - b) Os alunos devem elencar as principais características físicas (e pessoais, se for o caso) de quem ou o quê pretendem descrever, mas precisam fazer isso em forma de texto, e não de lista. Assim, serão levados a perceber como o gênero narrativo abarca também outros gêneros, como o descritivo. Nessa atividade, é necessário observar para que não sejam feitas descrições que causem constrangimento ou evidenciem defeitos de colegas.
8. Nessa atividade, os alunos deverão dizer, com suas próprias palavras e com base em suas experiências, o que é afinidade. Deve-se valorizar aí o sentimento verdadeiro, desinteressado e fraternal.
9. Organize uma roda de conversa e estimule os alunos a participar dando outros exemplos de como superar os momentos difíceis, por exemplo, terapia, esporte etc. Não se esqueça, porém, de que se trata de uma atividade de livre expressão e, portanto, é necessário deixar que cada aluno dê seu depoimento sem ser censurado ou sofrer julgamentos morais.
10. Nessa atividade de produção textual, os alunos devem mostrar que compreenderam o papel do narrador onisciente e, ao mesmo tempo, exercitar sua criatividade contando algo de si do ponto de vista do outro. Certamente é uma atividade bastante rica, pois pressupõe outra perspectiva de abordagem.

